

ANÁLISE E PRÁTICA FOTOGRÁFICA A PARTIR DA OBRA DE SEBASTIÃO SALGADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE ARTES NO EJA¹

Virgínia Rigotti Brito

²Adriana do Nascimento Araujo Mendes³

RESUMO

O artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do PIBID junto ao EJA da EMEF/EJA Prof. Dulce Bento Nascimento (Campinas/SP), em uma aula de análise e prática fotográfica a partir da obra de Sebastião Salgado. A proposta surgiu da dificuldade dos alunos em realizar análise formal das imagens, pois tendiam a se concentrar em desvendar o contexto histórico-geográfico do acontecimento fotografado ou em suas próprias opiniões pessoais, evidenciando a necessidade de ampliar a compreensão conceitual da fotografia. Soma-se a isso o desafio de engajamento característico desse público, marcado por jornadas exaustivas e pela percepção da disciplina de Artes como espaço de lazer sem finalidade formativa. Diante desse cenário, a intervenção foi organizada em duas etapas: a primeira, centrada no estudo coletivo da fotografia como linguagem, por meio de uma apresentação de slides abordando elementos históricos, técnicos e formais da fotografia e do trabalho de Sebastião Salgado; a segunda, voltada à prática fotográfica dos alunos, divididos em grupos para fotografar a escola a partir de regras previamente estabelecidas. O referencial teórico-metodológico que sustentou a proposta articula a “Pedagogia do Dispositivo”, do Fórum Nicarágua, que valoriza o estabelecimento de limitadores como disparador para criação artística, a reflexão de Fayga Ostrower acerca da formação estética em contextos populares, destacando o potencial criativo e emancipador do fazer artístico; e a perspectiva de Luiz Rufino sobre a relação entre corpo, saber e educação, que contribui para compreender o engajamento dos alunos na prática fotográfica. Os resultados mostraram que, por meio da apropriação conceitual da linguagem fotográfica e da prática coletiva de criação de imagens, foi possível deslocar a compreensão da fotografia de um registro meramente documental para um campo de produção de conhecimento, gerando maior autoestima, participação e reconhecimento do valor do ensino de Artes no EJA.

¹ Trabalho realizado no âmbito do Subprojeto Interdisciplinar III (Artes Visuais/Plásticas e Música), PIBID Unicamp – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Doutora pelo curso de Música da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, aamendes@unicamp.br;

³ Graduada do Curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, virginiarigotti@gmail.com;





Palavras-chave: EJA, Ensino de Artes, Fotografia, Pedagogia do Dispositivo

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo apresenta o relato de experiência acerca de quatro aulas de Artes, ministradas na EJA durante minha participação no PIBID Arte/Unicamp. As aulas ocorreram na EMEF/EJA Dulce Bento Nascimento, localizada no bairro Guará, em Campinas, para um público de 23 estudantes dos 3º e 4º termos da EJA.

Nesta escola, o EJA é noturno, tem início às 19h e término às 22h20, totalizando cinco aulas de cinquenta minutos por dia e uma refeição, que está incluída no horário da aula de Artes, as duas primeiras do turno. Devido à pequena quantidade de alunos, a EJA possui apenas duas turmas, uma que reúne o 1º e 2º termos e a outra que reúne o 3º e 4º. Os alunos da EJA nesta escola são majoritariamente pessoas adultas ou idosas que voltaram a estudar depois de um longo período sem frequentar a escola, embora todas as turmas possuam alguns alunos adolescentes que frequentavam o Ensino Fundamental II da própria escola.

Ao longo de minha participação no PIBID, acompanhei as aulas do professor de Artes, Elias Kopcak, ministradas às duas turmas da EJA. Apesar da formação do professor ser na área de Música, suas aulas buscam contemplar todas as linguagens artísticas, garantindo uma formação ampla dos alunos. Dessa forma, um dos conteúdos trabalhados com o 3º e 4º termos foi a fotografia. Para isso, o professor utilizou o livro *Gênesis*, de Sebastião Salgado, uma coleção de fotografias realizadas pelo autor em suas viagens pelo mundo, retratando temas como natureza, animais e povos indígenas. A utilização desse material foi vantajosa, pois ele estava amplamente disponível na biblioteca da escola, com várias unidades para consulta dos alunos.

Na primeira aula, o professor contextualizou os alunos acerca de quem era Sebastião Salgado: um fotógrafo mineiro, que viajou por diversos países, fotografando pessoas e a natureza em situações extremas. Após esse primeiro momento, o professor pediu aos alunos que se dividissem em grupos, para folhear o livro *Gênesis* e escolher uma fotografia para ser analisada e apresentada à classe ao final da aula. Neste primeiro dia, os alunos expressaram alguns incômodos com o trabalho de Salgado: apesar de acharem as fotografias bonitas, não entendiam por que o artista preferiu realizá-las em preto e branco em vez de em cores. Os



alunos diziam que as fotos não só seriam mais bonitas se fossem coloridas, como também seria possível identificar exatamente o que estava sendo fotografado.

Uma única aula não foi suficiente para analisar a fotografia escolhida. Na segunda aula, os grupos reuniram-se novamente para escolher e analisar as imagens. Enquanto folheavam o livro, os alunos interessavam-se por entender quais eram os lugares fotografados: quem eram aquelas pessoas e como viviam; em que horário a imagem havia sido feita; qual é a textura que aparecia na foto — seria pedra ou é terra? Por meio de suas perguntas, foi perceptível que a proposta de fotografar situações nada cotidianas de Sebastião Salgado, associado ao mistério carregado pelo preto e branco, fazia com que os alunos buscassem descobrir a narrativa por trás do acontecimento que originou a imagem, e não analisar a fotografia por suas qualidades concretas.

Durante essa aula, as discussões migraram dos pequenos grupos para a classe toda. A partir das observações e perguntas dos alunos, eu e o professor Elias inserimos no debate da turma pontuações que destacavam a importância das escolhas do fotógrafo diante daqueles acontecimentos. Ou seja, em vez de perguntarmos “que lugar é esse?” ou “quem é essa pessoa?”, podemos pensar na relação entre o fotógrafo e o assunto fotografado: ele estava perto ou longe? Estava fotografando de pé ou agachado? O que ocupa mais espaço na foto? Qual sensação temos diante disso? Por meio dessa dinâmica de análise conjunta das imagens, foi possível perceber um maior envolvimento dos alunos com o trabalho de Salgado.

Entretanto, foi perceptível que a experiência poderia ser aprofundada caso os alunos sentissem-se em maior conexão com o trabalho de Sebastião Salgado, visto que o artista tem como tema situações que não remetem ao cotidiano dos alunos. Além disso, a análise das fotografias também poderia ser aprofundada por meio de uma abordagem conceitual acerca do desenvolvimento da fotografia ao longo dos anos e dos princípios que regem seu funcionamento. Neste contexto, com autorização do professor Elias, preparei uma aula que contemplasse a necessidade dos alunos de estabelecer uma conexão maior com o trabalho de Salgado e com os conceitos da linguagem fotográfica.

Para isso, levei em consideração outras questões levantadas pelos alunos do EJA acerca das aulas de Artes. Os alunos expressavam que percebiam a aula de Artes como um espaço de lazer e descanso, em que realizavam atividades de caráter infantil. Além disso,





comentavam que a aula de Artes não era útil, pois o conteúdo aprendido não teria serventia fora da escola.

Sendo assim, preparei uma aula que iniciava com uma conversa acerca da presença da fotografia na vida de cada um, debatendo sobre as diferenças entre nossa relação com o registro na época da fotografia analógica e, atualmente, com o celular. Em seguida, por meio de uma apresentação com *slides*, apresentei o processo histórico de desenvolvimento da fotografia e sua relação com a manipulação da luz. Na semana seguinte, em grupos, os alunos fotografaram a escola com os celulares a partir de uma série de dispositivos previamente estabelecidos.

Essas escolhas foram baseadas no pensamento de Luiz Rufino (2023), para quem uma educação que busca liberdade é aquela calcada nos saberes que vêm do corpo. O autor argumenta que é do corpo que emergem os saberes contrários à violência colonial, saberes relacionados às memórias e aprendizados adquiridos em comunidade. Assim, a intenção de apresentar um conteúdo técnico sobre arte não se opunha a uma aula que contemplasse o diálogo e compartilhamento de experiências afetivas de cada um com a fotografia. Ainda nessa chave, a prática artística de fotografar a escola era essencial, já que possibilitava a apropriação do espaço da escola sem a necessidade de uma normatização do corpo que a habita. O fazer artístico em grupo também evidencia um conhecimento construído com base no diálogo, sem a imposição de um único modelo correto de conhecimento.

Para orientar a prática de fotografia, o conceito de *Pedagogia do Dispositivo*, desenvolvido pelo grupo Fórum Nicarágua (2021), também foi fundamental. O grupo elaborou esse conceito no contexto da linguagem cinematográfica, na qual o “dispositivo” seria um conjunto de limitadores com a intenção de mobilizar a criação artística, estabelecendo um procedimento para a captação das imagens. Apesar do nome “limitador”, o dispositivo define apenas um recorte para aquela criação artística, sendo necessária a toma de decisão sobre uma série de questões criativas dentro dele. Assim, o dispositivo permite o trabalho com a criatividade para além de dicotomias de certo e errado, pois tudo realizado dentro de seus limites é apenas diferentes possibilidades de elaboração artística, as quais podem ser analisadas por meio de uma comparação produtiva e não hierárquica.

Apesar de ter sido desenvolvida inicialmente para o trabalho com cinema nas escolas, o conceito de dispositivo pode ser plenamente aplicado na aula de fotografia. Ao determinar



dispositivos para orientar a prática fotográfica na escola, foi possível explorar a fotografia para além do “tema” da foto, afastando a discussão do acontecimento registrado e aproximando-a das escolhas realizadas ao manipular a câmera para registrar. Além disso, o dispositivo auxiliou na autonomia dos alunos diante da liberdade proposta pelo fazer artístico, funcionando como disparador para a exploração criativa diante de um contexto de estranhamento com um fazer que não possui funcionalidade externa a ele mesmo, e com o desconforto da exploração de uma linguagem que ultrapassa o certo e errado.

Outro pensamento importante para as experiências foi as reflexões de Fayga Ostrower (2013), desenvolvidas após a artista ser convidada para ministrar um curso de Artes para operários. Em sua reflexão sobre o encaminhamento didático de seu curso, a artista relata algumas preocupações que também me surgiram em meu trabalho com o EJA: a preocupação de que a sensibilidade pudesse ser um aspecto irrelevante da vida de um grupo que sofria com a exaustão da jornada de trabalho para garantir a existência material e a percepção comum da obra de arte como um trabalho valioso, mas do fazer artístico como inútil, não reconhecido como trabalho.

Perante essas questões, a conclusão de Ostrower vai de encontro com o pensamento de Luiz Rufino: por serem adultos, os alunos carregavam grande experiência de vida, a qual seria a base para o ensino. Junto disso, a artista também decidiu não apoiar-se em definições verbais de conceitos das Artes Visuais, mas basear suas explicações na experiência direta do fazer artístico, compreendido como um bom exemplo concreto e como vivência afetiva.

Em minha aula, as conclusões realizadas pela autora em 1983 foram percebidas na prática. Ao realizarem a atividade de fotografar a escola, os alunos não só compreenderam a parcela conceitual da fotografia, mas também perceberam que ela não estava tão distante deles quanto parecia em um primeiro contato com o trabalho de Sebastião Salgado. Ao fim da atividade, percebeu-se uma melhora na autoestima dos alunos, já que a própria turma sugeriu que as fotografias realizadas fossem expostas na formatura, ao final do semestre.

Ostrower também relata que no início, os alunos eram muito tímidos e possuíam dificuldade de se expressar:

Talvez fossem tímidos por se sentirem limitados em seu vocabulário ou, talvez essa timidez não se explicasse só pela falta de desembaraço verbal, sendo resultado de uma situação que não lhes dava — muitas vezes — sequer o direito de ter algo a dizer. (OSTROWER, 2013, p. 31)





Essa situação, foi também percebida por mim em meu tempo no PIBID. A liberdade e disposição para o diálogo necessárias ao fazer artístico estão na contramão do modelo de sociedade capitalista de mentalidade colonial do Brasil, como bem expresso por Luiz Rufino. Nas aulas de Artes, esse comportamento fica evidente pela baixa autoestima dos alunos, pela dificuldade de se abrir à experimentação e ao debate de ideias.

Entretanto, essas situações, que se revelam em um momento inicial, podem ser desenvolvidas por meio do trabalho do educador. As estratégias de Luiz Rufino, Fórum Nicarágua e Fayga Ostrower, reunidas neste relato, ofereceram maneiras complementares de contornar dificuldades referentes à disciplina de Artes na escola, mas também em qualquer prática educativa que busque construir com os alunos maior liberdade, pensamento crítico, autonomia e autoestima.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da aula que relato neste artigo, foi levado em consideração as dificuldades e expectativas dos alunos dos 3º e 4º termos do EJA acerca da linguagem fotográfica e da disciplina de Artes como um todo. Durante as aulas em que foi trabalhada a arte de Sebastião Salgado, os alunos sentiam-se distanciados da fotografia do artista. Esse sentimento tinha origem no tema nada cotidiano das fotos, paisagens extremas e povos nativos; na escolha do artista por realizá-las em preto e branco, o que os alunos diziam dificultar a compreensão do assunto registrado; e do fato dos alunos ainda não possuírem um contato prévio com aspectos técnicos da linguagem fotográfica, que dificultava a análise das escolhas artísticas realizadas pelo fotógrafo.

Além disso, ao longo do tempo em que estive na escola, os alunos constantemente expressavam que não entendiam a função da disciplina de Artes, já que ela não teria nenhum uso fora do ambiente escolar. Junto disso, comentavam que a aula de Artes era um momento para relaxar e realizar atividades próprias da infância.

Diante disso, meu objetivo era realizar uma aula que possibilitasse a conexão dos alunos com o trabalho de Salgado, para que fosse possível trabalhar a linguagem fotográfica e suas particularidades artísticas. Tendo isso em vista, busquei realizar uma aula de Artes que questionasse os estereótipos associados por eles à disciplina de Artes. Escolhi trabalhar



conceitos técnicos da fotografia, afastando a discussão de uma fruição artística individual e aproximando-a de uma análise relacionada ao modo de funcionamento da câmera. Para aproximar os alunos de uma participação ativa na investigação artística, em vez de propor atividades manuais que podem gerar um relaxamento associado ao conforto, desenvolvi um exercício de realização de fotografias em grupo, trabalhando o debate de ideias.

Ressalto que reconheço que a desvalorização dos alunos em relação à aula de Artes, associada à sensibilidade infantil e ao descanso, é reflexo de um modelo de sociedade que exige deles uma postura focada no trabalho lucrativo. Diante deste contexto, é desafiador disponibilizar-se a uma experiência que não tem como objetivo servir às demandas do capital, ou mesmo valorizar a sensibilidade e o aprendizado que, por vezes, não precisa de sofrimento para ocorrer. Na aula que desenvolvi, a intenção era demonstrar aos alunos os diversos modos de aproximar-se dos conteúdos artísticos, desafiando suas percepções fixas da disciplina.

As duas primeiras aulas foram compostas por momentos de discussão e de apresentação de conteúdo expositivo, apoiados em um material de *slides*. A proposta foi iniciar a aula com uma discussão acerca da presença da fotografia no cotidiano e como essa relação mudou ao longo do tempo e, em seguida, apresentar um material expositivo acerca do desenvolvimento histórico da fotografia e de sua relação com a manipulação da luz. Nesta segunda etapa, também analisamos, em conjunto, algumas fotografias de Salgado, para compreender os conceitos expostos.

Para dar início à primeira discussão, apresentei fotos de modelos variados de câmeras: analógicas simples, analógicas profissionais, digitais profissionais, *cybershots* e dispositivos móveis. Ao ver as imagens, os alunos logo identificaram as câmeras mais antigas e as mais recentes, compartilharam quais tinham em casa, e logo os alunos mais velhos relataram sobre as dificuldades de usar as câmeras analógicas para os mais novos. Este momento inicial foi importante para criar uma conexão entre o assunto a ser trabalhado e a turma.

Em seguida, apresentei a eles como aconteceu o desenvolvimento da fotografia. Iniciei falando sobre o antigo conhecimento da projeção de imagens, por meio da câmara escura. Expliquei a eles o funcionamento dela e alguns de seus usos. Conversamos também sobre a complexidade de desenvolver uma maneira de fixar a imagem projetada sobre uma superfície na fotografia analógica. Nesta etapa, observamos imagens de pessoas utilizando apoiadores





para posar ao serem fotografados, e debatemos como a fotografia era instrumento formal e nada cotidiano.

Na última etapa da aula, falamos sobre a relação entre a fotografia e a manipulação da luz. A intenção desta etapa era demonstrar a câmera como uma ferramenta de construção de imagens, e não apenas um registro fiel da realidade, sendo o fotógrafo aquele que toma as decisões sobre as características destas imagens. Para isso, apresentei o mecanismo do diafragma, que por meio de diferentes aberturas, controla a quantidade de luz captada pela câmera. Para melhor compreensão deste conceito, analisamos uma mesma imagem fotografada em preto e branco, com diferentes aberturas de diafragma, apresentando diferentes níveis de luminosidade, simulando diferentes momentos do dia: manhã, tarde e noite. Nesta análise em grupo foi possível também compreender as vantagens de fotografar em preto e branco, principalmente devido ao destaque das texturas em diferentes níveis de luminosidade.

Na semana seguinte, aconteceram as duas últimas aulas. Iniciei a aula retomando o conteúdo da semana anterior por meio da análise em grupo de duas fotografias de Sebastião Salgado. Nesta discussão, além de percebermos as diferenças de luminosidade e o que ela acentua nas imagens, também pudemos também notar algumas outras escolhas realizadas pelo artista: o *zoom*, ou seja, a distância do assunto fotografado e o ângulo, referente à posição do fotógrafo em relação ao assunto.

Após essa retomada, apresentei a eles o exercício prático da aula: em duplas, utilizar os celulares para realizar fotografias em preto e branco no espaço da escola. Era obrigatório que os dois integrantes da dupla fotografassem, explorando os seguintes recursos: quantidade de luz presente na foto, distância do que está sendo fotografado e ângulo em que a foto fosse tirada. Para isso, era necessário descobrir as funcionalidades oferecidas pelo aplicativo da câmera do celular: mexer nas configurações do aplicativo da câmera, descobrir como utilizar o zoom e como controlar a quantidade de luz nas fotos, que poderiam ser feitas na hora de fotografar ou na edição das imagens.

O objetivo principal deste exercício era criar um contexto para os alunos explorarem a fotografia com liberdade suficiente para testar seus diferentes recursos. A proposta de realizá-lo em dupla tinha como principal motivo o fato de que não era possível padronizar uma única instrução sobre como explorar os recursos determinados, pois a escola não possui câmeras





profissionais e cada celular tem uma configuração diferente. Desta maneira, os alunos poderiam se auxiliar perante as dificuldades encontradas ao explorar os dispositivos móveis.

Finalizado o exercício, cada aluno selecionou duas fotos dentre as que fotografou. Essas fotografias foram disponibilizadas em um *drive* e exibidas no projetor, assim, cada aluno comentava sobre o processo, relatando as descobertas, dificuldades e interesses percebidos ao fotografar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos objetivos da aula descrita, as práticas pedagógicas e etapas desenvolvidas foram bem-sucedidas. Em primeiro lugar, era necessário criar algum tipo de conexão entre os alunos e a fotografia de Sebastião Salgado. Para isso, a estratégia de criar um espaço no início da aula para os alunos compartilharem suas relações afetivas com a fotografia foi essencial. Em consonância com as reflexões de Luiz Rufino e Fayga Ostrower, acerca da importância de basear-se no repertório cultural e até mesmo individual de cada um para construir uma aula, a prática possibilitou a disposição dos alunos para o aprendizado.

Dentre toda a aula, a etapa mais expositiva foi a apresentação acerca do desenvolvimento histórico da fotografia. Apesar de ser uma apresentação um tanto cansativa, ela foi importante para compreender a fotografia para além da experiência individual de cada um, situando-a em um contexto amplo e permitindo a percepção de suas diversas funções ao longo da história. Levando em consideração que nas aulas anteriores os alunos estavam debatendo as fotografias de Sebastião Salgado baseados principalmente em suas noções individuais de beleza, este contexto histórico possibilitou um aprofundamento do tema.

Devido à ausência de repertório da turma acerca dos princípios conceituais da linguagem fotográfica, a discussão acerca da relação entre fotografia e a manipulação da luz foi uma base importante para aprofundar as discussões sobre a arte fotográfica. Apesar de existirem diversas maneiras de manipular a luz por meio da fotografia, escolhi trabalhar esse princípio a partir do recorte do diafragma, pois devido ao tempo de aula e à ausência de câmeras na escola, não seria possível detalhar todos os aparatos da câmera fotográfica. Apesar desse recorte, a compreensão desse princípio auxiliou os alunos a perceberem a fotografia não





como um registro fiel da realidade, e sim como resultado das escolhas do fotógrafo perante seu objetivo.

Na análise de algumas fotografias de Salgado, após a discussão acerca da manipulação da luz, foi possível perceber o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Em suas falas, os alunos destacaram a presença de texturas, intensificadas pelo recurso do preto e branco, bem como outras escolhas realizadas pelo fotógrafo: a distância e o ângulo.

A última etapa da aula foi a proposta de fotografar a escola com os celulares. Com essa prática artística, buscava-se a compreensão dos princípios estudados e também o desenvolvimento da autoestima, diminuindo a distância entre o assunto estudado e a vida cotidiana da turma. O exercício teve como base o conceito de *Pedagogia do Dispositivo*, que delimita um procedimento capaz de mobilizar a criação artística. Neste caso, o procedimento consistia nos seguintes tópicos: formar duplas para realizar fotografias em preto e branco no espaço da escola, utilizando os celulares e explorando a manipulação da luz, o ângulo e a distância do assunto fotografado. Esses limitadores foram importantes para o manejo do desconforto dos alunos perante um exercício que não possuía delimitações binárias de certo e errado, exigindo dos alunos o desenvolvimento da relação entre autonomia e liberdade.

As reflexões de Luiz Rufino acerca da importância de educar a partir dos saberes que vêm do corpo também foram a base para o exercício. A prática de fotografar fora da sala de aula afastava os alunos do comportamento normativo do corpo do aluno — sentado na cadeira e olhando para a lousa —, convidando-os a apropriar-se da escola. Por meio dessa prática educativa, em que o corpo dos alunos não é submisso à espacialidade escolar, mas criador dela, é possível exercitar não apenas a liberdade perante a criação artística, mas também perante o mundo.

Inicialmente, os alunos estranharam a limitação do espaço da escola para a realização das fotografias, pois acreditavam que nada ali era interessante o suficiente. Entretanto, todos encontraram diferentes assuntos para fotografar, desenvolvendo um olhar sensível e criando novas relações com aquele espaço. Além disso, durante o exercício, foi notável a disponibilidade dos estudantes para ajudar-se diante das dificuldades encontradas, principalmente por meio de trocas intergeracionais relacionadas ao uso dos celulares.

Ao projetarmos as fotografias na sala de aula para conversar sobre a experiência, foi notável o orgulho dos alunos perante o trabalho realizado. A turma estava animada para ver as





fotografias uns dos outros e, se o autor de alguma foto sentisse-se tímido para explicar o seu processo, os colegas logo analisavam a fotografia, ressaltando as explorações que percebiam na imagem. Neste momento, o pensamento de Fayga Ostrower ressoou com a aula, pois o aumento da autoestima dos alunos e da familiaridade com a linguagem fotográfica foi evidente durante essa discussão, ressaltando o potencial do fazer artístico para além da mera explicação teórica no ensino de artes. Por fim, os alunos pediram para que os trabalhos fossem expostos na formatura, a ser realizada no fim do semestre. Este acolhimento da turma ao projeto me fez perceber que apesar da jornada de trabalho exaustiva dos alunos, a sensibilidade, liberdade e expressão trabalhadas nas aulas de Artes são de grande relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa experiência, percebi que, apesar das dificuldades encontradas na conexão entre os alunos da EJA e a disciplina de Artes, existem estratégias pedagógicas capazes de driblar esses impedimentos e de possibilitar aos alunos a experiência artística. As jornadas exaustivas dos alunos, a percepção inicial da disciplina de Artes como irrelevante fora do ambiente escolar, e a distância entre cotidiano dos alunos e os artistas ou conteúdos trabalhados durante as aulas foram os principais desafios encontrados durante o Pibid.

Diante da oportunidade proporcionada pelo programa de ministrar algumas aulas, levei em conta esses desafios, bem como as dificuldades encontradas no trabalho específico com a fotografia de Sebastião Salgado. Nesse contexto, as estratégias pedagógicas que utilizei foram apoiadas nos trabalhos de Luiz Rufino, Fayga Ostrower e do grupo Fórum Nicarágua, buscando dialogar uma educação calcada nos saberes do corpo, na construção de afetividade na sala de aula e no uso de recursos para possibilitar o fazer artístico.

Por meio da projeção de *slides* e de uma aula que mesclou conteúdo expositivo, momentos de discussão e trabalho artístico em grupo, abriu-se espaço para os alunos expressarem suas relações afetivas com a fotografia e também experimentarem uma interação diferente da que estavam acostumados. A base teórica acerca do histórico e das técnicas da linguagem fotográfica expandiu a percepção dos alunos sobre a fotografia para além da individualidade de cada um, bem como os capacitou para um debate aprofundado sobre o tema. A prática de fotografar a escola, após as etapas anteriores, intensificou a afetividade em





relação ao tema estudado e contribuiu para o desenvolvimento da autoestima dos alunos perante as artes.

Diante dos objetivos da aula, ressalto a importância da etapa prática. O fazer artístico muitas vezes é acompanhado de dificuldades próprias ao desenvolvimento da criatividade, como a ausência de respostas binárias de certo e errado, a necessidade de tomada de decisões diante da liberdade e a abertura para a experiência. Entretanto, a construção da prática com base na noção de “limitadores”, própria da Pedagogia do Dispositivo, bem como na reapropriação afetiva do espaço da escola por meio do corpo em ação, tornou essa etapa um momento de apropriação da linguagem fotográfica, mobilizando a conexão e a autoestima entre o grupo.

REFERÊNCIAS

FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.). A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (Orgs.). **Cinema-educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM, 2021. p. 85-104.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.

SALGADO, Sebastião. **Genesis**. Köln: Taschen, 2013.

